

AVÓS RESPONSÁVEIS PELA CRIAÇÃO DOS NETOS: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES NAS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS

Caroline Trevisan Mendes de Almeida* (Programa de Pós-graduação, Mestranda em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/ Câmpus de Assis, Assis – SP, Brasil); Mary Yoko Okamoto (Departamento de Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/ Câmpus de Assis, Assis – SP, Brasil).

contato: carol_psicotrevisan@yahoo.com.br

Palavras-chave: Psicanálise vincular. Famílias contemporâneas. Relação avós e netos.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado que tem como objetivo compreender as experiências e vínculos estabelecidos nas famílias contemporâneas a partir da perspectiva da psicanálise das configurações vinculares. Como recorte para estabelecimento da pesquisa foi realizado um estudo de caso em uma família em que os avós exercem as funções parentais na vida de suas netas.

De acordo com Mainetti e Wanderbroocke (2013), uma nova configuração familiar refere-se aos avós que assumem a criação dos netos. O aumento da expectativa de vida tem feito com que os avós convivam com mais gerações e tenham papel atuante na dinâmica familiar, em especial as mulheres idosas, como também apontam os autores Cavalcanti et al. (2015).

Mainetti e Wanderbroocke (2013) apontam que geralmente os avós costumam fazer parte da vida dos netos, auxiliando as mães e minimizando suas ausências devido às atividades e demandas de cuidado que possuem. No entanto, cada vez mais se percebe avós que cuidam integralmente dos netos, inclusive como cuidadores legais, por razões diversas: filhos adolescentes despreparados, desempregados, usuários de drogas, falecidos, separados, recasados sem que o novo cônjuge aceite a criança, abuso infantil, abandono dos progenitores, em conflito com a lei e por deficiências físicas e transtornos mentais. Também concordam com esses dados Cavalcanti et al. (2015), apontando como causas em especial a separação dos filhos, recasamento, crise financeira e gravidez na adolescência. Cardoso e Brito (2014), em um estudo de grupos focais com avós que auxiliavam constantemente no cuidado com os netos, afirma que para algumas avós, a possibilidade de cuidar dos netos tem como significado uma maneira de se sentirem úteis e/ou preencher o vazio que sentem.

Para a análise das relações estabelecidas entre os avós e os netos criadas por eles, utilizou-se como suporte teórico a psicanálise das configurações vinculares. Nesta abordagem, a constituição psíquica tem suas origens e modo de funcionamento a partir da interdependência de três espaços psíquicos: intra, inter e transobjetivo. O espaço intrasubjetivo refere-se à relação do sujeito consigo mesmo, suas representações de seu próprio corpo, pulsões, desejos e relações objetais; ou seja, da relação “entre si”. O espaço intersubjetivo trata das representações psíquicas inconscientes das relações estabelecidas com o(s) outro(s) no psiquismo e dos vínculos, que engloba os acordos e alianças inconscientes; caracteriza a relação “entre eles”. Já o espaço transobjetivo refere-se às representações do mundo social, o mundo externo real enquanto dimensões sociais e físicas, suas funções normativas enquanto contexto social; trata-se das relações “através deles” (VIDAL, 2002).

No que diz respeito à dinâmica familiar, Kaës (2011) aponta que no relacionamento com o outro e o grupo social são realizados investimentos libidinais recíprocos que colaboram para a formação de identificações inconscientes que nos levam a um objeto e traços em comum, aspectos fundamentais para a formação do vínculo. Também são necessárias que sejam realizadas alianças, algumas conscientes e outras inconscientes, com a função de manter e preservar o vínculo, instaurar como ocorrerá seu funcionamento, normas, concessões e questões relativas a este grupo.

Sendo assim, de acordo com Kaës (2011) a malha da trama familiar envolve uma série de fatores que não podem e nem se restringem a um indivíduo isolado nesse contexto. Nesta malhagem da trama familiar se promovem as identificações e os investimentos narcísicos que permitem a continuidade dos vínculos, os mecanismos de defesa próprios e predominantes das pessoas envolvidas, as transmissões psíquicas elaboradas e as não simbolizadas e as alianças psíquicas formadas de forma consciente e inconsciente para preservação e continuidade da estrutura familiar.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sendo realizado um estudo de caso com um casal de avós que são responsáveis pela criação de duas netas. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras da UNESP / Câmpus de Assis. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com os avós, com questões relacionadas aos cuidados com as netas, as relações estabelecidas entre eles e o histórico familiar. Com a neta

mais velha foi utilizado o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E), elaborado por Walter Trinca em 1972, conforme relatam Trinca e Tardivo (2000). Trata-se de uma técnica que visa o estudo dos conteúdos psicodinâmicos da personalidade, em especial os que se referem aos processos de caráter inconsciente. Em sua aplicação é solicitado para a criança que desenhe quatro desenhos de famílias, da seguinte maneira: 1 – Desenhe uma família qualquer; 2 – Desenhe uma família que você gostaria de ter; 3 – Desenhe uma família em que alguém não está bem; 4 – Desenhe a sua família. Ao término de cada desenho, é solicitada a criança que conte uma estória livremente a respeito do desenho. Em seguida, é feita uma fase de “inquérito”, com perguntas sobre a estória e o desenho, e depois se solicita um título para a produção (TRINCA, TARDIVO, 2000). É realizado individualmente, indicado para ambos os sexos e todas as idades, desde que o examinando consiga desenhar e verbalizar, conforme informam os autores. Tanto a entrevista quanto os desenhos foram realizados em local que preservasse o sigilo, sendo adotados todos os procedimentos éticos necessários.

Os sujeitos da pesquisa foram Francisca, avó materna, de 55 anos, João Carlos, avô paterno, de 57 anos, e Maria Elena, neta, de 7 anos (os nomes foram alterados para preservação do sigilo dos participantes). Maria Elena é fruto de um relacionamento em que seus pais se separaram após o seu nascimento, e a mãe de Maria Elena não assumiu a responsabilidade de cuidados cotidianos com a filha, dedicando-se ao provimento financeiro da família. Neste contexto, os avós assumiram a criação da neta. A separação dos pais de Maria Elena parece ter sido força propulsora para que a avó assumisse esta função, visto que a mãe demonstrava-se insegura, tendo 17 anos na época, corroborando com os estudos de Cavalcanti et al. (2015), que apontam a separação dos filhos e a gravidez na adolescência como algumas das causas dos avós desempenharem o cuidado integral dos netos.

Percebeu-se uma forte ligação entre Francisca, a avó materna, e sua neta. Francisca relatou que antes da gravidez da filha encontrava-se doente e deprimida, e que o nascimento da neta trouxe um novo significado para sua vida. Assim que a menina nasceu, já a tomou nos braços na maternidade e assumiu as atividades de cuidado, cabendo à mãe a amamentação por um curto período, e posteriormente, grande parte dos cuidados afetivos foi desempenhado pela avó. Percebe-se a formação de uma aliança inconsciente, em que Maria Elena supre a demanda afetiva da avó, ficando próxima e recusando-se a sair de casa caso a avó tenha que ficar sozinha.

Cardoso e Brito (2014) em seu estudo com avós, afirmam que para algumas avós o cuidado dos netos representa uma forma de sentirem úteis e preencherem o vazio que sentem.

Verificou-se que após o crescimento dos filhos, Francisca sofreu com as separações afetivas que vivenciou, quando começaram a se relacionar com novos parceiros (no caso dos dois filhos), e ao demonstrarem opiniões diferentes das suas, como se ao crescerem demonstrassem romper o cordão umbilical afetivo que os ligava de forma fusionada. Francisca relatou que mantinha uma relação muito próxima da mãe e que sofreu muito com seu falecimento, e pelo relato dos cuidados com os filhos demonstrou procurar manter uma relação simbiotizada, tendo sofrido com a percepção de que os filhos eram pessoas independentes e construiriam outros vínculos afetivos dos quais ela não faria parte. Este modelo de relação vem se repetindo transgeracionalmente, sendo que Falche e Wagner (2004) apontam que são transmitidos padrões de geração a geração através da transgeracionalidade, envolvendo a ideia de repetição e reedição de certos processos familiares.

Através da entrevista verificou-se que os próprios avós consideram a avó materna como principal cuidadora, exercendo as funções tanto maternas quanto paternas na vida das crianças, adquirindo as funções de cuidados e também de delimitação de limites e regras, enquanto o avô convive com a neta somente em momentos de conversa e brincadeiras, reservando a avó a principal convivência e estabelecimento da rotina familiar.

Os desenhos feitos por Maria Elena e suas histórias demonstraram que para ela não ficaram claros os motivos da separação e rompimento dos pais, e que os papéis familiares não estão totalmente delimitados, pois os filhos não tem um lugar fixo, ora se apresentam entre os casais (o casal de avós e o casal da mãe com o padrasto, que se casou novamente aos seis anos de Maria Elena), ora entre os membros da família. O avô é uma figura pouco presente, ficando num tamanho menor e até mesmo esquecido, enquanto a importância da avó é ressaltada, inclusive graficamente no tamanho em relação aos outros integrantes do desenho.

Para Maria Elena a mãe é vista como uma figura frágil e solitária, e o encontro com o padrasto muda a situação, constituindo-se como uma figura de apoio. Na realidade psíquica de Maria Elena o casal reunido pode constituir-se como suporte para a criação dos filhos.

Considera-se que na atualidade as famílias têm realizado diferentes rearranjos frente às demandas contemporâneas e que os papéis familiares não se limitam ao gênero ou filiação

biológica, mas a partir do exercício da função parental no dia-a-dia das crianças. Para os avós o cuidados e criação da neta oferece um novo sentido de vida após o crescimento dos filhos, gerando uma aliança inconsciente com a neta, que se sente responsável em não deixar a avó sozinha e estar próxima afetivamente. A relação simbiotizada demonstra um padrão de relacionamento reproduzido de geração em geração.

Nas relações familiares os vínculos e alianças estabelecidos na trama familiar são transmitidos transgeracionalmente, podendo situar posições do sujeito frente a família e repetir padrões de relacionamento. A relação dos avós com os netos, enquanto figuras responsáveis pela criação dos mesmos, é recente e tornam-se necessários mais estudos frente a essa demanda contemporânea e novo modelo familiar de relacionamento entre avós e netos, e também entre os avós e os filhos após o nascimento dos netos.

Referências

- Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de psicanálise*, 40(42), 47-62.
- Cardoso, A. R., & Brito, L. M. T. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF*, 19(3), 433-441.
- Cavalcanti, J. R. G., Vieira, K. F. L., Souza, D. H. A. V., & Cardoso, D. B. (2015). Percepções e vivências de avós que cuidam de seus netos. In 4º Cieh-Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. João Pessoa. Anais. João Pessoa: Realize. pp. 1-10.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. (pp. 25-46). Porto Alegre: Edipucrs.
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural – a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Mainetti, A. C., & Wanderbroocke, A. C. N. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*, 17(1), 87-98.
- Trinca, W., & Tardivo, L. S. L. P. C. (2000). Desenvolvimentos do Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E). In J. A. Cunha (Org.), *Psicodiagnóstico-V*. (pp. 428-438). Porto Alegre: Artmed.
- Vidal, R. (2002). Los espacios psíquicos: intra, inter y transubjetivo. Ejemplificación mediante un tratamiento de pareja. *Aperturas psicanalíticas*, 10, 1-17.